

Qual a verdade sobre o triângulo das Bermudas?

JAMES STEWART-GORDON

Ele será, de fato,
um misterioso cemitério
de aviões e navios,
como se tem afirmado,
ou terá a imaginação
dos homens ido um pouco
longe de mais?

PRECISAMENTE às 2:10 da tarde do dia 5 de dezembro de 1945, cinco aviões de treinamento da Marinha dos Estados Unidos decolaram de Fort Lauderdale, Flórida, com bom tempo, voaram para leste junto à costa e desapareceram misteriosamente sem deixar rasto. Era o Vôo 19, no qual o Tenente C. C. Taylor dava instrução a quatro alunos-pilotos e respectivas tripulações (quatorze homens ao todo). Seu programa consistia num treino de navegação aérea entre a Flórida e as Bahamas.

Cerca das 3:40, Taylor alertou a base de que ambas as bússolas de seu aparelho, giroscópica e magnética, estavam funcionando mal. Os outros aviões do Vôo 19 seguiam rigorosamente seu comandante na rota ao acaso sobre o oceano, primeiro para leste, depois para oeste e nordeste, enquanto ele tentava encontrar o rumo por intermédio do rádio de bordo. Subitamente, ouviu-se a voz de Taylor dando ordens para tentarem a amaragem e, pouco depois, todo o contato pelo rádio foi interrompido.

Rapidamente, foram enviados dois Martin Mariner (gigantescos hidroaviões com grande raio de ação, especialmente preparados para pesquisas sobre o mar), que deram início às buscas. Algumas horas depois, a velocidade do vento aumentou inesperadamente para 30 nós e a visibilidade tornou-se muito reduzida, tendo sido ordenado o regresso. No entanto, apenas um dos aviões voltou à base. Dias depois, a Marinha e

a Guarda Costeira dos Estados Unidos realizaram intensas buscas com mais de 100 aviões e navios, numa área de 250 mil quilômetros quadrados, não sendo encontrados quaisquer vestígios do Vôo 19 ou do avião *Mariner*.

Passados 30 anos sobre a tragédia, o Vôo 19 e o *Martin Mariner* desaparecido voltam a ser notícia como personagens principais de um mistério que tem provocado calafrios em todo mundo. Jornalistas, escritores, produtores de televisão e astrólogos notaram que muitos outros navios e aviões têm desaparecido no quadrante sudoeste do Atlântico Norte, e recriaram em suas obras uma zona tenebrosa designada por Triângulo das Bermudas, onde são localizados navios abandonados com comida ainda quente nas cozinhas, onde os aviões se perdem logo após comunicarem que iriam pousar e onde as bússolas se comportam como se estivessem enfeitiçadas.

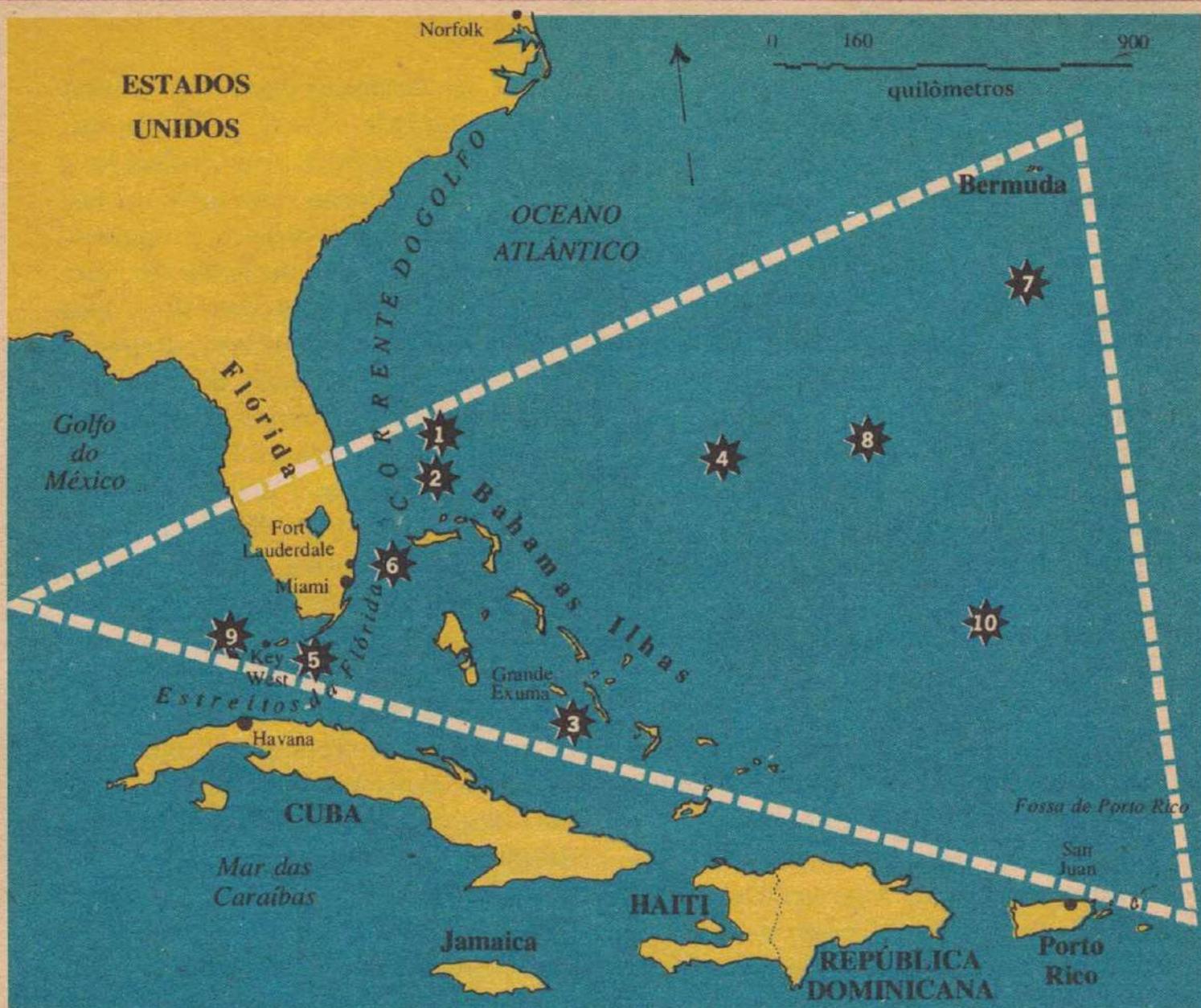
Os vértices do triângulo estão situados nas Bermudas, no Porto Rico e numa zona do Golfo do México a oeste da Flórida. É um mundo aquático misterioso de minúsculas ilhas de coral, praias paradisíacas e águas de um azul incomparável, onde os nevoeiros errantes, as fortes correntes e as súbitas tempestades se escondem atrás de uma paisagem de sonho. Parece ser impossível determinar quando esse sonho irá se transformar em pesadelo.

Enquanto a controvérsia aumenta sobre se a mortífera influência do triângulo (onde, segundo reza a his-

tória, já desapareceram 35 navios e aviões desde 1946) pode ser explicada pela ciência ou atribuída a forças sobrenaturais, este assunto fascinante vai dando origem a numerosos livros, filmes e seriados de televisão. Bem à cabeça das listas dos mais recentes *best-sellers*, apareceu *The Bermuda Triangle*, do lingüista e mergulhador Charles Berlitz; de duas edições populares (*The Devil's Triangle*, de Richard Winer, e *Limbo of the Lost*, de John Wallace Spencer), já se venderam, em dois anos, perto de três milhões de exemplares.

Data fatídica. Dos supostos 40 navios e 20 aviões misteriosamente desaparecidos no Triângulo, nos últimos 100 anos, vinte e um encontraram seu trágico fim nos meses de dezembro e janeiro, época das tempestades boreais e ciclones do Natal, que provocam vagas alterosas. Três das vítimas mais célebres, incluindo o Vôo 19, desapareceram na mesma data: 5 de dezembro.

A primeira foi o brigue *Mary Celeste*, encontrado à deriva nas águas mansas numa calma e brumosa manhã de 1872, perto dos Açores (até cujos limites, segundo alguns, se faz sentir a influência do Triângulo). Com as velas enfunadas e a carga intacta, o navio fora abandonado pelo capitão e tripulação, composta por oito homens. Este caso continua até hoje sem explicação. Passados precisamente 74 anos sobre esta data, e um ano após a tragédia do Vôo 19, a escuna *City Belle*, das Bahamas, apareceu também sem tripulação ao



LOCAIS DOS PRINCIPAIS ACIDENTES NO TRIÂNGULO DAS BERMUDAS

- | | | |
|---|---|-----------------------------------|
| 1 Vão 19 — 5 de dezembro de 1945 | 4 <i>Cyclops</i> — março de 1918 | 7 Superfortaleza — 1947 |
| 2 Martin Mariner — 5 de dezembro de 1945 | 5 <i>Revonoc</i> — janeiro de 1958 | 8 <i>Star Ariel</i> — 1949 |
| 3 <i>City Belle</i> — 1946 | 6 <i>Witchcraft</i> — dez. de 1967 | 9 DC-3 — dezembro de 1948 |
| | | 10 <i>Stavenger</i> — 1931 |

sul dessas ilhas. Seu destino continua sendo ignorado.

A maior embarcação desaparecida na área do Triângulo foi o navio carvoeiro *Cyclops*, da Marinha dos Estados Unidos, de 19 mil toneladas, que havia largado do Rio de Janeiro em direção a Norfolk com um carregamento de minério de manganês. Desapareceu em março de 1918, le-

vando com ele os 293 elementos da tripulação e o mistério do intrigante silêncio do rádio de bordo.

Também se diz que, em janeiro de 1958, o Triângulo engoliu nas suas águas o iate *Revonoc*, que tinha a bordo seu proprietário, o editor e milionário norte-americano Harvey Conover, e os quatro membros da tripulação, quando navegava de Key West

para Miami. Os únicos vestígios encontrados foram a lancha salva-vidas destroçada e a tampa da privada.

Misterioso também é o caso do *Witchcraft*, barco de cruzeiro com sete metros, que partira de Miami na noite de 22 de dezembro de 1967, porque seu dono e convidados tentavam apreciar o efeito das iluminações de Natal da cidade, vistas do mar. Algumas horas depois, a Guarda Costeira de Miami recebeu um pedido de socorro enviado pelo rádio do *Witchcraft*, que tinha a hélice avariada e estava à deriva perto do canal de entrada para o porto. Na mensagem, diziam que do local conseguiam ver Miami. Passados dez minutos, a Guarda Costeira já havia chegado lá, mas, do barco em dificuldades, não foi encontrado o menor vestígio.

Lugar calmo e claro. A atmosfera na área do Triângulo parece ser propícia a desaparecimentos. No verão de 1947, uma superfortaleza voadora da Força Aérea dos Estados Unidos foi tragada a 150 quilômetros das Bermudas, sem ter emitido qualquer alarme. A 30 de janeiro do ano seguinte, o avião comercial britânico *Star Tiger* contatou com as Bermudas informando que a bordo tudo estava normal e iria pousar na hora estabelecida. Nunca mais foi visto. Um ano depois, sucedeu o mesmo com o *Star Ariel*, de modelo idêntico. Em dezembro de 1948, o piloto de um DC-3 fretado, que decolara de San Juan para Miami, informou, com as vozes alegres dos passageiros em fundo entoando cânticos de Natal,

que já divisava ao longe as luzes de Miami. Tudo estava calmo, tudo parecia claro, mas... nunca mais se ouviu falar do avião.

Apesar de a Marinha dos Estados Unidos, a Guarda Costeira e o Serviço Nacional de Vigilância do Mar insistirem em que os desastres registrados no famigerado Triângulo podem ser explicados por causas naturais, os supersticiosos continuam suspeitando do pior; atribuem essa série de acidentes a agentes sobrenaturais, como viajantes do espaço descendo em suas naves para devorarem seres humanos; uma máquina do tempo que ludibria suas vítimas e as envia para outra dimensão; fragmentos de um prisma gigantesco, ali deixado por uma civilização antiga e muito avançada, que emite raios mortíferos quando certas influências lunares e astrais o fazem reativar suas propriedades; um vácuo enorme que vai até o centro da Terra.

Deslindando o mistério. Quando o interesse pelo Triângulo já atingira proporções consideráveis, logo apareceu um movimento a opor-se às fantásticas teorias formuladas. Lawrence Kusche, bibliotecário da Universidade Estatal do Arizona, estado do interior dos Estados Unidos, escreveu um livro, a que deu o título de *The Bermuda Triangle Mystery – Solved*, no qual destrói ponto por ponto toda a fabulação de cada um dos casos. Os romancistas, segundo Kusche, em vez de procurarem encontrar as soluções lógicas, vêm copiando os erros alheios e inventando detalhes, até que os fatos reais fiquem

totalmente deturpados pela elaborada teia de um trabalho de ficção.

Certa vez, por exemplo, alguém registrou que, em 1931, o navio norueguês *Stavenger* afundara no Triângulo, com toda a tripulação. Desde então, o *Stavenger* tem aparecido em todas as listas dos estudiosos do caso Triângulo. Verificando os registros da época, Kusche chegou à conclusão de que, em 1931, não existia nenhum navio, que navegasse sob a bandeira norueguesa, com o nome de *Stavenger*. Quanto ao *City Belle*, atingido por uma súbita tempestade, emitiu uma mensagem dizendo que se encontrava em perigo. Seu apelo foi captado pela base norte-americana do Great Exuma e a tripulação foi salva. Assim acaba mais uma lenda!

Estudando o caso do *Cyclops*, Kusche informa que, em 1968, quando um mergulhador efetuava um trabalho de pesquisa perto de Norfolk, localizou aquilo que poderiam ser os destroços desse navio. A causa do afundamento, segundo a opinião de peritos da Guarda Costeira, foi o forte impacto de uma onda inesperada em seu costado, aí abrindo inúmeras fendas por onde a água entrou em turbilhão, inundando a carga, desequilibrando o navio, e fazendo-o adernar antes que alguém tivesse tempo de lançar um s. o. s.

A acrescentar a muitos outros perigos, há o fato de que os estreitos da Flórida são das rotas marítimas mais movimentadas do mundo. Envolvidos pela neblina, que ali é frequente, por vezes os navios de grande

tonelagem abalroam pequenas embarcações sem que o acidente seja notado. Pelos indícios encontrados nos destroços, funcionários da Guarda Costeira pensam ter acontecido isso com o malogrado iate *Revonoc*.

Forças sobrenaturais? O Capitão Adrian Lonsdale, da Guarda Costeira, está convencido de que as más condições meteorológicas, falhas mecânicas e erros humanos são as únicas causas dos desastres, e acrescenta: «O desaparecimento do *Witchcraft* exemplifica perfeitamente minha teoria. A noite estava ventosa e uma das hélices tinha avariado, o que logo limitava a velocidade do barco. O convés deste era coberto por um toldo típico das Bermudas, feito de cana entrançada, o qual, quando soprado pelo vento, atua como uma vela. Desenvolvendo pouca velocidade, puxado pela correnteza e empurrado pelo vento, o barco foi provavelmente desviado para norte, em direção a Fort Lauderdale. Vista do mar, a cidade de Lauderdale se assemelha a Miami. Quando do *Witchcraft* assinalaram estar ao largo de Miami achavam-se na realidade ao largo de Lauderdale. Nós estivemos procurando no local errado. Depois, o barco deve ter sido arrastado para o mar, e foi o fim da tragédia.»

Até os pilotos experimentados podem se encontrar em dificuldades nas zonas mais imprevisíveis. Em 1962, o Capitão Marshall Phillips, da Guarda Costeira, quando fazia um vôo rotineiro de inspeção, viu-se de súbito no meio de uma trovoada. Em poucos segundos, seu avião foi empur-

rado para cima e para baixo, como se fosse um iô-iô, enquanto a força energética que se desprendia das nuvens quase arrancava as asas do aparelho. Quando conseguiu safar-se da tormenta, Phillips verificou, espantado, que estava voando a 2.400 metros de altitude, com o avião de rodas para cima. Manteve a calma, endireitou o aparelho e regressou à base. Em sua opinião, as superfortalezas voadoras desaparecidas em 1947 foram provavelmente envolvidas por uma trovoadas semelhante, invisível no radar, e teriam sido destruídas.

Comentando o caso do DC-3, cujos ocupantes cantavam em coro, Phillips diz: «Antes de decolar, o piloto informara que as baterias do radio-emissor estavam fracas. O vento nessa noite soprava bastante forte. Quando o piloto pensava andar sobrevoando o Sul da Flórida, estava com certeza sobre o Golfo do México e confundiu as luzes de Key West com as de Miami. Finalmente, o combustível acabou-se e o avião se despenhou.» Na opinião de peritos da Guarda Costeira, os dois *Star* britânicos foram atingidos por trovoadas que os fizeram explodir, ou, mais provavelmente, desviados para fora da rota e do alcance de seu equipamento de rádio. Caíram quando a gasolina chegou ao fim.

O desastre do Vôo 19 aconteceu não devido a forças sobrenaturais,

mas porque Taylor perdeu o rumo. Depois, ele não sintonizou seu rádio para o canal livre de emergência, que teria possibilitado às estações costeiras informarem-no da sua posição, e, por fim, deve ter entrado em pânico.

Quanto ao Martin Mariner, a tripulação do cargueiro *Gaines Mills* observou, às 7:50 da tarde do dia do desaparecimento dos aviões, uma enorme explosão numa área que coincidia com a da rota do aparelho. A bem conhecida suscetibilidade dos Martin Mariner para sofrerem avarias no sistema de alimentação dos motores e para explodirem quando as condições meteorológicas são más, só por si, fornece uma resposta.

O Capitão Lonsdale conclui: «O Lloyd's de Londres informa que, anualmente, são dados como desaparecidos cerca de 352 navios e aviões de turismo. Em quatro ou cinco casos, eles são atingidos tão inesperadamente que seus pilotos nem têm tempo de lançar um s. o. s. Se um navio afunda no meio de violenta tempestade na área do Atlântico conhecida como o Triângulo, para nós não é mais do que um desastre; para outros, que não têm conhecimento dos detalhes, é o inacreditável e o misterioso. Suponho que é uma tendência normal a de classificar qualquer coisa de sobrenatural, quando não se consegue encontrar para ela uma explicação lógica.»



OS PAIS nos ensinam a amar e a sorrir, e a pôr um pé à frente do outro, mas, quando abrimos um livro, descobrimos que também possuímos asas.

— Helen Hayes

66 Entre Aspas 99

MESMO que você esteja no caminho certo, acabará sendo passado para trás se resolver se sentar. – Will Rogers

HÁ riqueza bastante no mundo para as necessidades do homem, mas não para a sua ambição. – Mohandas K. Gandhi

O AMOR olha por um telescópio; a inveja, por um microscópio. – J. B.

CONHECER as coisas como elas são é melhor do que tentar vê-las como parecem. – T. W.

O TRABALHO nos poupa de três grandes males: tédio, vício e privações. – Voltaire

UMA CONVERSA entre Adão e Eva devia ser difícil naquele tempo – eles ainda não tinham ninguém de quem falar. – A. R.

UM HOMEM prudente é como um alfinete: sua cabeça o impede de ir mais longe. – M. M.

UMA das coisas mais difíceis de se jogarem fora é a gentileza. Quase sempre a recebemos de volta. – C. R. F.

COMO se nós púdessemos matar o tempo sem perder a eternidade! – H. D. Thoreau

UM QUADRO num museu deve ouvir mais tolices do que qualquer outra coisa no mundo. – E. e J. G

NUNCA tente fazer ninguém à sua imagem. Você e Deus sabem que só você já é suficiente. – R. W. Emerson

O TEMPO aviva as rugas na pele dos homens e as apaga nos pneus. – Paul Morand

SER rico não significa ter dinheiro, e sim gastá-lo. O dinheiro só tem valor quando sai do nosso bolso, e não quando entra. – Sacha Guitry

CONSIDERO jornalismo tudo o que será menos interessante amanhã do que é hoje. – André Gide